

Corpos em Foco: dez anos de prática fotográfica com as travestis de Roraima

Bodies in Focus: Ten years of photographic practice with transvestites in Roraima

Elisangela Martins
(UFRR)

Resumo: O trabalho apresenta uma autoetnografia sobre dez anos fotografando junto a uma associação de travestis no estado de Roraima. Objetiva descrever a trajetória e compreender como a fotografia pode atuar em prol da visibilidade, resistência e partilha estética-política, toma como referência reflexões de Jacques Rancière e Judith Butler. Conclui refletindo sobre a importância da prática coletiva, da experimentação estética e do afeto para o aprimoramento da prática fotográfica e as lutas políticas por visibilidade.

Palavras-chave: prática fotográfica; gênero; visibilidade.

Abstract: *This work presents an autoethnography of ten years photographing alongside a transvestite association in the state of Roraima. It aims to describe the trajectory and understand how photography can contribute to visibility, resistance, and aesthetic-political sharing, drawing on reflections by Jacques Rancière and Judith Butler. It concludes by reflecting on the importance of collective practice, aesthetic experimentation, and affection for the improvement of photographic practice and the political struggles for visibility.*

Keywords: *photographic practice; gender; visibility.*

DOI: <http://doi.org/10.47456/rf.rf.2133.51432>

Roraima tornou-se estado brasileiro apenas em 1988. Apesar de suas riquezas naturais e étnico-culturais – com a presença de mais de quinze diferentes povos indígenas – tem sua colonização marcada quase que exclusivamente pelo militarismo e o garimpo, ambas atividades predominantemente masculinas que impuseram a esse rincão um forte traço machista. Não surpreendem, nesse sentido, os dados levantados pela Associação Nacional de Travestis, ANTRA, de que Roraima é, proporcionalmente, um dos estados que mais oferecem risco à vida das pessoas trans devido à violência transfóbica.

É no interior desse contexto inóspito que presente artigo pretende apresentar um relato autoetnográfico a respeito do trabalho voluntário realizado junto à Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado de Roraima, a ATERR, dando destaque para a produção de ensaios fotográficos e exposições desenvolvidos na última década (2015-2025).

Embora a ATERR tenha sido fundada em Boa Vista no ano de 2006, foi apenas em 2015, através de um estudante do curso de Artes Visuais em que atuo como professora, que tive contato com seu trabalho. Organização social sem fins lucrativos, a Associação tem como seus pressupostos mais importantes a defesa dos direitos e a promoção da visibilidade da população trans no estado.

Desde o primeiro contato, fiquei convencida de que minhas habilidades como fotógrafa poderiam ser úteis à Associação, motivo pelo qual dispus voluntariamente os meus serviços à sua então diretoria. Além dos ensaios fotográficos em si, também pude contribuir com outras tarefas, como registrar ações sociais promovidas pela Associação, escrever ou revisar notas de repúdio ou de pesar, preparar publicações para as redes sociais, ministrar oficinas, auxiliar na organização da distribuição de cestas básicas etc. Com o passar dos anos, minha relação com a ATERR revelou-se uma parceria sólida e comprometida de modo que a realização de ensaios fotográficos com associadas tornou-se uma prática recorrente.

Em 2025 completam-se dez anos desde a realização dos primeiros ensaios fotográficos com travestis de Roraima – fato que me levou a questionar: em que medida as decisões políticas e estéticas que vêm norteadando essa prática tensionam normas de visibilidade e reconhecimento da pluralidade das identidades de gênero?

Antes de entrar especificamente nessa discussão, é preciso mencionar as razões para a abordagem autoetnográfica, escolhida como metodologia de trabalho. O que se pretende analisar em busca de respostas – os ensaios, as fotografias e sua circulação – são produtos do encontro de corpos diversos, que se envolveram e tomaram decisões conjuntas sobre como, onde e porque fazer os ensaios fotográficos. Nesse processo, o corpo de quem fotografava também se construía como companheira de ativismo das pessoas fotografadas. Minha presença por trás da câmera em cada uma das imagens registradas me impõe,

nesse momento, a posição de pesquisadora implicada, que participou ativamente da produção dos elementos que ora serão analisados: anotações e memórias sobre os ensaios, as próprias fotografias e as formas pelas quais foram feitas circular. A autoetnografia vem assentar-se como metodologia adequada para explicitar o viés e o ponto de onde se enunciam as verdades dessa reflexão sobre as práticas fotográficas realizadas em parceria com a ATERR.

Do ponto de vista teórico, Jacques Rancière é um dos grandes contribuintes para esse trabalho. Considerando a estética como fundamental para compreensão da política e suas práticas, o autor desenvolve o conceito de partilha do sensível para referir-se ao que pode ser dito, visto e pensado em determinada sociedade. Rancière afirma que a partilha do sensível é “o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (Rancière, 2009, p.15). Assim compreendida, a partilha do sensível estabelece relações estreitas entre a estética e a política, pois pode igualmente invisibilizar, calar e impedir formas alternativas de pensar em uma sociedade.

Analisando a história, o autor define três diferentes regimes de identificação das artes, o ético, o poético e o estético. Ele afirma que no regime estético a arte é identificada “não mais por uma distinção nas maneiras de fazer, mas pela distinção de um modo de ser sensível próprio aos produtos da arte”. Segundo o autor, o “regime estético da arte” é aquele que define a arte contemporânea, que busca se aproximar da vida nos seus modos de fazer, livre de hierarquias temáticas e de gêneros, uma arte que funda sua autonomia e suas formas de modo muito próximo à da vida em si (Rancière, 2009, p.32-34).

As proposições de Rancière sobre a relação entre arte e política são muito relevantes. Ele desenvolve sua ideia explicando que as artes podem ser percebidas como artes e como “formas de inscrição de sentido” nas comunidades e, ao fazê-lo, independente das intenções que as regem ou mesmo da inserção social dos artistas que a produzem, estão fazendo política (Rancière, 2009, p. 18). Como as práticas artísticas são também uma forma de visibilidade do trabalho, “refletindo estruturas ou movimentos sociais”, a arte pode ter importante papel na redistribuição da partilha do sensível, agrupando e permitindo a constituição de comunidades provisórias que, com ações criativas se tornam capazes de perturbar aquilo que é perceptível. Nessas ações as fronteiras entre política e a estética se tornam mais tênues e, se não conseguem fundar novos regimes de visibilidade, as ações desses grupos podem ao menos geram fissuras importantes na partilha do sensível que as prejudica.

Outra autora importante para esse trabalho é Judith Butler. A noção de performatividade de gênero por ela desenvolvida entende a performance “não como um ato singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa” através da qual “o discurso produz os efeitos do que nomeia” (Butler, 2019, p. 21). Há uma

conexão estreita entre as formas de performatividade de gênero e a visibilidade dos diferentes corpos, com implicações estéticas e políticas, pois “imagens corporais que não se encaixam” acabam por constituir “o domínio do desumanizado e do abjeto” (Butler, 2018, p. 151). Corpos que desafiam o regime normativo de visibilidade cis padecem de dificuldades para atingir o reconhecimento e muitas vezes são postos em condições de precariedade social.

O diálogo entre Rancière e Butler é bastante profícuo para a busca de respostas às questões desse trabalho, dado que ambos questionam fronteiras do visível e do invisível em sociedade, apontando para as consequências políticas da invisibilidade como um dano imposto ao sujeito. Enquanto Rancière fala das possibilidades da arte como redistribuidora do sensível, Butler discute a questão dos corpos que escapam à inteligibilidade e, por isso mesmo, podem inscrever novas formas de compreensão do gênero.

O diálogo entre as proposições desses dois autores ajuda na construção do relato desse trabalho, pois permitem pensar o contexto de interação e a fotografia produzida na colaboração entre uma mulher cis e um grupo organizado de travestis. Considerando essa experiência como evento que se constitui ao mesmo tempo como um ato de reconfiguração estética e uma política da existência, opto pela autoetnografia para descrever e analisar os dez anos de práticas fotográficas realizadas junto à ATERR. A intenção é produzir uma escrita incorporada, pensando a prática fotográfica como processo de pesquisa e de produção de sentidos construídos coletivamente.

Tal empreitada se torna possível porque, durante esses anos de trabalho, além das fotografias produzidas, foram se juntando materiais diversos como anotações, mensagens de aplicativos, depoimentos de pessoas fotografadas, vídeos dos “bastidores” de alguns ensaios, publicações em redes sociais e em veículos de comunicação sobre exposições e atos decorrentes dos ensaios. Todos esses registros são relevantes para contribuir com um relato que excede a memória individual e permitem observar nuances do processo a ser descrito e analisado.

No início, houve hesitação e resistência de algumas associadas em aderir ao projeto que, por sugestão da diretoria, foi inicialmente batizado de “Retratos e Magias”. Observar essa situação, expressa sobretudo pela negativa em servirem de modelos, foi importante para que, antes mesmo que os primeiros ensaios fossem realizados, se pudesse levantar dúvidas e discutir questões éticas que norteariam nossa prática conjunta. Assim, pontos relacionados com a representação, o consentimento, a coautoria de imagem e o cuidado com as pessoas retratadas, foram importantes para constituir uma série de combinados. Primeiro, que a realização do ensaio não geraria nenhum custo para a Associação ou para as pessoas fotografadas. Que as imagens tomadas seriam disponibilizadas para cada fotografada, de modo que ao final receberiam o equivalente a um book fotográfico digital. Que cada pessoa fotografada poderia fazer uso livre de suas

imagens, se possível, citando o contexto de sua produção, com o nome da ATERR e da fotógrafa elimacuxi. Que cada pessoa fotografada assinaria um termo em que permitia o uso das imagens exclusivamente para efeito de divulgação da Associação e/ou possível publicação acadêmica pela fotógrafa. Assim, desde o início dos trabalhos, todas as pessoas fotografadas durante esse período foram informadas dessas condições e assinaram documento da Associação declarando anuência com esses termos.

Iniciando uma vivência transfotográfica

Nenhum projeto semelhante foi sequer aventado junto à ATERR antes do desenvolvimento de nossa proposta. Nossas primeiras conversas deixaram claro que a ideia da diretoria era aproveitar essa oportunidade de serviço voluntário para compor peças de divulgação dos trabalhos e eventos da Associação, sobretudo em alusão ao dia da Visibilidade Trans. Por minha iniciativa, também refletimos sobre possíveis suportes para as imagens que seriam produzidas, como um calendário por exemplo, mas as restrições financeiras limitavam essas possibilidades.

Como fotógrafa que até então tinha se dedicado sobretudo a paisagens e naturezas mortas e recentemente começara a realizar experimentações na produção de retratos, essa situação me causava curiosidade e receio, sentindo-me desafiada a encarar a dificuldade que até então eu mesma me impusera em relação a fotografar pessoas. A produção da primeira série de ensaios fotográficos se estendeu, entre planejamento e execução, durante todo o segundo semestre de 2015.

Como convergimos na ideia de registrar imagens diurnas, externas, coloridas e alegres, completamente opostas àquelas imagens noturnas, sexualizadas e em contexto violento que comumente apareciam nas pesquisas de imagem do Google quando se buscava pela palavra “travesti”, já havia sido possível delinear intenções políticas que influenciariam decisões estéticas muito antes do primeiro click. Além disso, contando com a colaboração das fotografadas para a definição de figurino, maquiagem, escolha dos locais etc., pretendíamos produzir, coletivamente, imagens que enfrentassem o estigma que pairava sobre aquelas sujeitas. Desse modo, pode-se afirmar que o trabalho foi guiado por uma clara intenção política que de certo modo definiu previamente uma condição estética.

Percalços e contornos: a importância do afeto

Apesar de termos tido vários encontros e conversas, era perceptível para mim que meu pertencimento ao grupo não estava consolidado. Havia estranhamento e desconfiança por parte de algumas associadas, em relação ao que seriam “meus reais interesses” em colaborar com a Associação. Pude compreender que essa resistência não se relacionava com o fato de eu ser uma mulher cis, “uma mona”,

“uma racha”. Muitas acreditavam, na verdade, que em algum momento eu cobraria pelo serviço das fotografias, o que é compreensível, dado que essa infelizmente ainda é uma prática de muitos fotógrafos, oferecer-se para fotografar e, depois, exigir pagamento pelas imagens.

Apesar do esforço em explicitar os termos do trabalho voluntário que eu pretendia realizar e das questões éticas que foram definidas coletivamente, apenas as próprias membras da Diretoria se candidataram a ser fotografadas nos primeiros ensaios. Mesmo assim a dinâmica ainda foi conturbada, com negativas veladas como muitas marcações e remarcações de datas e desistências em cima da hora. Percebo agora que foi apenas com bastante resiliência que persistimos no objetivo de realizar os ensaios nessa fase.

Todas essas questões evidenciaram que, durante as sessões, era necessário aproveitar oportunidades e provocar conversas, buscar a construção de um vínculo com elas, tudo a fim de que as fotos pudessem representar o conforto e a alegria que desejávamos exprimir. Para tanto, tomei alguns cuidados como não estabelecer um tempo determinado para a duração das sessões e fotografá-las em locais escolhidos por elas (como um salão de beleza, o local de trabalho de uma das voluntárias, duas praças e um parque da cidade de Boa Vista). Apesar de terem sido realizadas de modo intencional e direcionado a um objetivo, essas iniciativas não foram percebidas por mim como algo que demandasse esforço, apenas atenção especial para garantir uma atmosfera agradável e que contribuísse com os resultados das imagens.

Nas conversas para marcar os ensaios, o percebi que as modelos sempre propunham que eu, depois de fazer as fotos, alterasse suas imagens “no photoshop”. Essas falas foram recebidas por mim de modo muito empático. Mulher cis com mais de quarenta anos, sujeita à todas as pressões estéticas que a sociedade impõe ao corpo feminino, sentia compreender aquela preocupação expressa pelas travestis antes de serem fotografadas. Todas queremos “estar bonitas” nas fotos e a repetição dessa demanda por pós-produção parecia confirmar, na prática, o que eu já lera em diversas publicações sobre a especial insegurança das pessoas trans e travestis com sua imagem corporal.

Num misto de empatia pelo desejo de beleza e resistência a fazer pós-produção alterando as imagens captadas, fui realizar o primeiro ensaio, fotografar S.N em seu local de trabalho. Depois de alguns clicks em diferentes espaços, eu lhe pedi que ficasse próxima a uma janela, fotografei e mostrei a imagem que tinha tomado. Ao ver a tela da câmera, seu rosto se iluminou e me disse: “ah, vou usar essa no meu perfil”. Naquele momento tomei uma decisão íntima de só me sentir satisfeita com as imagens produzidas após receber uma expressão de contentamento da modelo ao ver sua imagem registrada pela minha câmera. Essa decisão se manteve em todas as outras sessões que realizei junto da ATERR nos anos posteriores.

Dessa maneira, foram se delineando diretrizes para a prática fotográfica que começava a se desenvolver. Focada em produzir não apenas imagens, mas momentos prazerosos tanto para aquelas que foram fotografadas quanto para mim enquanto fotógrafa, foi se tornando possível consolidar uma relação de confiança e amizade entre nós, sobretudo porque os ensaios acabavam sendo sempre muito divertidos, com muitas risadas e tentativas e erro até chegar ao acerto e contentamento com as fotografias produzidas. De modo geral nos envolvemos no ato de fotografar como quem realiza uma brincadeira conjunta e isso foi crucial tanto para fortalecer os vínculos como para a qualidade das imagens produzidas.

Embora todas as pessoas fotografadas nessa fase fossem mulheres trans ou travestis, em nenhum momento se pensou em fazer dessa condição das modelos a principal característica a se realçar. Como cheguei a publicar em meu perfil, “a intenção era produzir e divulgar imagens que retratassem o cotidiano e a dignidade humana daquelas pessoas”. Para tanto foi necessário buscar um olhar que não as tratasse de modo exótico ou estereotipado. O objetivo perseguido coletivamente era o de sempre valorizar sua beleza, força e unicidade de ser e, talvez por isso mesmo, tenha rendido a formação de nossas amigas e um processo criativo tão longo.

Nosso bloco na rua...

O resultado dos primeiros ensaios foi tornado público em janeiro de 2016, no dia da Visibilidade Trans, por meio de diversos suportes. Fiz uma postagem no Facebook com uma prévia das fotos; pensamos em fazer uma exposição na sede da Associação e outra na praça do bloco um da Universidade Federal de Roraima, com um sarau de três horas de duração, em que as imagens foram exibidas em um telão. Também encomendei, com recursos próprios, a confecção de 500 cartões postais com seis diferentes fotografias, que foram entregues para a Associação que poderia dispor deles como entendesse. As fotografadas estiveram presentes ao sarau e em todas as oportunidades foram apresentadas como as verdadeiras protagonistas do processo, o que para mim significava uma inversão relevante na lógica da exposição fotográfica, em que geralmente é o fotógrafo quem figura como personagem central.

Depois de termos logrado grande divulgação da primeira fase de nosso projeto, com publicação de notícia nos jornais físicos locais, participação no telejornal da afiliada local da TV Globo e em vários sites de notícias, outras associadas da ATERR começaram a se interessar pelo projeto. Com mais pessoas disponíveis para serem modelos, demos seguimento à realização de sessões fotográficas públicas, com ensaios em ruas, praças ou parques da cidade, o que acabou por se tornar uma tradição do trabalho desenvolvido junto com a ATERR.

Essa iniciativa contribuía para ampliar a percepção da presença de pessoas trans em diferentes locais da cidade. Ao deslocar esses corpos em plena luz do dia para espaços que não fazem parte dos tradicionais pontos que são relacionados com a prostituição e a violência em Boa Vista, a nossa prática fotográfica, além de incrementar a política de visibilidade intentada pela Associação, também se constituía em disputa pelos imaginários.

A parceria com meios de comunicação que divulgavam a realização dos ensaios, das exposições e ações sociais da ATERR, durante esses dez anos de práticas fotográficas, foi um elemento bastante importante. É válido destacar que, na relação com a imprensa local, vivenciamos, em geral, reações de acolhimento e apoio ao projeto. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando a Coordenadoria de Gestão de Pessoas do Tribunal de Contas do Estado de Roraima me procurou na intenção de produzir uma exposição fotográfica virtual em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres.

Ela me disse que o convite tinha acontecido devido à informação de que eu era a professora de fotografia do curso de artes na Universidade e trabalhava com gênero. Aproveitei a oportunidade e fiz, sem muita esperança de resposta positiva, uma proposta de que construíssemos uma exposição chamada Feminino Diverso, com uma seleção das fotos de mulheres trans e travestis que já tínhamos produzidas. A aceitação dessa contraproposta foi uma grata surpresa e como resultado, durante mais de um mês, vinte imagens de mulheres trans e travestis estiveram em uma página associada ao TCERR em alusão ao Dia Internacional da Mulher.

Durante a divulgação online dessa exposição, presenciei alguns comentários transfóbicos realizados sobretudo por um grupo de radfem que, no antigo Twitter, havia se incomodado com o fato de que mulheres trans e travestis figuravam em uma exposição homenageando o Dia Internacional da Mulher. Nas publicações de alcance mais local, entretanto, esse tipo de manifestação felizmente não aconteceu.

É preciso refletir que resultados como esses não teriam sido alcançados não fosse a potência das imagens produzidas. Tal poder não deve de nenhum modo ser atribuído somente à composição ou técnica fotográfica. Ao posar para as fotos, os modelos (considerando que também houve três homens trans e um homem cis gay no conjunto total de fotografados) também atuam performando sua identidade. Como ensina Judith Butler, o efeito e aparência de naturalidade do gênero não vem de uma essência, mas dos gestos, signos e práticas corporais reiterados no decorrer da vida (Butler, 2018-2019). Assim, pode-se pensar que as práticas fotográficas realizadas junto à ATERR geraram imagens que não são apenas o documento de uma aparência, uma pose, um olhar, um instante, mas remetem à performance própria de cada modelo, uma afirmação ousada de si diante de normas que insistem em tentar negar essa existência.

Assim compreendidas, cada fotografia captada excede a representação e se torna ato criador de outros mundos possíveis. Ao inscrever em seu seio, como seu

tema e motivo, corpos que foram historicamente violentados e apagados de nossa sociedade, essas fotografias podem tanto multiplicar a potência do encontro que as gerou como ampliar a visibilidade dos corpos fotografados, levando-os para outros lugares em que a violência da invisibilidade ainda esteja imperando.

Outro ponto a se tratar é o caráter lúdico de cada encontro, quando havia muita liberdade para a inserção dos mais diversos elementos para composição das imagens. A prática comum era definir o local e horário e, no momento do encontro, conversar um pouco sobre o que se poderia fazer. Assim, cada pessoa que se permitiu fotografar teve tanta agência quanto a Associação e a fotógrafa. Muito mais do que posar passivamente, em cada ensaio quem seria fotografada trouxe propostas e ideias e embora em alguns casos eu pudesse me ver diante de situações de dificuldade técnica (com questões relacionadas à luz e limitação dos equipamentos), as formas, poses, cores, figurinos e cenários sempre foram definidos a partir das contribuições das modelos.

O conjunto das decisões tomadas nesses encontros, as conversas sobre beleza, feminilidade, virilidade, delicadeza, harmonia e força, passam a integrar uma produção estética coletiva que acontece antes e se materializa nas fotografias. Em decorrência, as imagens que são produto de uma dança entre meu corpo e os corpos fotografados, diluem a ideia de autoria e testemunham um ato conjunto em que os sujeitos, em frente ou detrás da câmera, performam e se politizam.

Trazer os corpos travestis e trans para o centro da imagem é reconhecer sua potência estética em diferentes facetas. A constante experimentação e invenção por elas aplicadas aos seus corpos frequentemente se choca contra normas morais, religiosas, políticas e estéticas, desafiando tanto a lógica binária que rege a cisheteronormatividade quanto a própria ideia do que é bom, belo, decente e legítimo. É nesse ponto que a ideia de partilha do sensível ajuda a compreender a estética presente nessas imagens. A potência estética de um corpo trans não se limita à sua imagem. Corpos evocam características que, para além da aparência, lhes são prévia e socialmente imputadas, assim, as imagens de pessoas trans podem provocar a sensibilidade, chamando atenção e podendo reconfigurar formas de sentir a si e ao outro.

Desorganizando os modos tradicionais de ver e sentir, com enunciados que antes estavam vetados de serem ouvidos, vistos, sentidos, os corpos trans fotografados nesses ensaios se estabelecem como sujeitos de produção estética. A circulação das fotografias dessas pessoas, além disso, ajuda a promover uma redistribuição do visível em que a fotografia é o veículo que amplia o alcance da ação coletiva entre fotógrafa e fotografada. São imagens produzidas a partir das margens do que era até então visível em Boa Vista, ou seja, a vida, a alegria e a beleza de pessoas trans, imagens que tensionam os limites entre a estética e a política para se converter em arte que propõe novas possibilidades de ver, dizer, pensar.

Nosso bloco foi à rua quando começamos a imaginar a possibilidade de fazer esses retratos. Continuou em cada parte do conjunto de imagens produzido nesses dez anos, cada compartilhamento, cada matéria publicada. Durante esse período de dez anos de caminhada conjunta vimos a ATERR ser reconhecida como entidade de utilidade pública pela Assembleia Legislativa de Roraima por seus muitos projetos na área de assistência social e saúde; suas associadas serem convidadas a participar de documentários feitos pela iniciativa pública e privada; suas ações serem foco de interesse crescente na mídia local; a defesa da minha tese de doutorado contando as histórias entrelaçadas que deram origem à Associação e, mais recentemente, a criação de um ponto de cultura chamado Traviarca e que tem como objetivo ampliar as ações da instituição apoiando produções culturais da comunidade T em Boa Vista. Ocorrido em paralelo a essa trajetória, o projeto e o processo de produção dos ensaios fotográficos que realizamos pode ser considerado mais do que a produção de um conjunto documental: é um ato contínuo de performatividade coletiva.

Eu caçador de mim

Performando como voluntária da ATERR, vale apontar elementos de minha própria transformação ao longo desse processo. A maneira como trabalhamos me permitiu renunciar aos papéis centrais que tanto a prática como professora quanto como fotógrafa costumam permitir. O caráter de trabalho coletivo e a repetição dos encontros que culminam com a produção de fotografias tornaram possível a minha integração à comunidade trans representada pela ATERR. Junto dessa comunidade tive lições práticas do que significa ter um corpo que é usado como argumento de outrem para interditar a livre vivência e experimentação do gênero. Confirmei a importância política da solidariedade e do esforço para o bem viver e ampliei minhas habilidades expressivas com a fotografia. Em cada ensaio pude implodir a exclusividade do fotógrafo sobre a visão, compartilhando o tempo todo com as fotografadas aquilo que eu estava vendo através de minhas lentes. Essa atitude reforçava o sentimento de estar aprendendo tanto com as associadas que eram fotografadas quanto com as diferentes membras da diretoria.

Embora essa última situação possa remeter a algo menos mensurável, vale dizer que eu vivia, do ponto de vista profissional, um momento bastante difícil quando conheci a ATERR. Me sentia frustrada com o péssimo engajamento dos estudantes e o pequeno alcance da licenciatura em artes visuais, tendo dificuldade em reconhecer qualquer importância social no que vinha realizando. Atuar junto da ATERR permitiu que eu experimentasse novamente o gosto da militância em um movimento em busca da transformação social. Poder abrir mão previamente do lugar daquela que ensina permitiu a constituição de uma relação muito mais horizontal e propícia à construção de vínculos afetivos duradouros.

Assim, o processo aqui descrito também foi responsável pelo surgimento, na

minha vida, de amizades complexas, cheias de camadas de muita sinceridade, humor irônico, suporte fraterno, deboche e alegria. Nesse sentido, essa autoetnografia também se investe do desejo de partilhar um modo diferente de ver a carreira docente na universidade e refletir sobre a pressão que sofremos para produzir mais de modo cada vez mais rápido, em práticas que costumeiramente nos afastam da possibilidade de realizar aquilo que exige tempo: fazer diferença na própria vida e na das pessoas com quem convivemos.

Tá pensando que é bagunça?

O estigma sobre pessoas trans, em especial travestis, vai desde a negação da validade de sua identidade de gênero até a caricaturização de suas vivências e abjeção de seus corpos. Sua presença em vivências artísticas e seu protagonismo para definir a maneira como querem ser visibilizadas são capazes de destruir esses preconceitos e, como ensina Rancière, denunciar a partilha do sensível que lhes causa dano.

É inserida nessa reflexão e postura que vejo e apresento a minha aproximação e o trabalho que, junto da ATERR, completa dez anos. Os ensaios fotográficos com travestis e a circulação das imagens produzidas por diferentes meios digitais, exposições e reportagens produziram novas formas de visibilidade para esse grupo, propondo certa reconfiguração de quem pode ser visto e reconhecido na sociedade boa-vistense.

O nosso fazer fotográfico e a nossa fotografia como meio expressivo, ao possibilitar a construção de imagens que se opunham frontalmente a estigmas que marcam a existência travesti, se mostraram potentes para promoção de deslocamentos estéticos e políticos, abrindo espaço para outras formas de ver o gênero.

Partindo de uma iniciativa solidária, a intenção de uma professora em prestar trabalho voluntário para uma associação, essa experiência parece confirmar o poder transformador da arte e da criação nas vidas individuais e no estabelecimento de laços para fortalecimento da coletividade. Construindo espaços vigorosos voltados, ao mesmo tempo, para a resistência política de grupos invisibilizados e a afirmação de sua existência plural e diversa, a prática fotográfica desenvolvida junto com a ATERR nos últimos dez anos ainda promete desdobramentos futuros: além da busca de recursos para impressão em diferentes suportes e a realização de novas exposições e formas de circulação, há a pretensão de iniciar projetos de formação a partir da realização de novos ensaios, para que pessoas trans assumam a câmera e venham a multiplicar, em outros municípios do estado de Roraima, experiências como a descrita nesse trabalho.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: N1Edições, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível, estética e política**. 2.ed. São Paulo: EXO Experimental; Editora 34, 2009.

LIVE abre as comemorações do Dia Internacional da Mulher no TCERR. Tribunal de Contas de Roraima, 8 mar, 2021. Disponível em <https://www.tcerr.tc.br/portal/noticia/1620;jsessionid=965BE53F6047F175924D17BFFFD686E>. Acesso em: 10 nov. 2025.

EXPOSIÇÃO fotográfica aborda o feminino diverso. **Folha de Boa Vista**, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/variedades/cultura/exposicao-fotografica-aborda-o-%C2%91feminino-diverso%C2%92/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PROJETO retratos e magias celebra data especial para trans. **Folha de Boa Vista**. 24 jan. 2016. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/variedades/entretenimento/projeto-%C2%91retratos-e-magias%C2%92-celebra-data-especial-para-trans/>. Acesso em 10 nov. 2025.

PROJETO faz ensaio fotográfico em alusão a visibilidade trans. **Folha de Boa Vista**. 20 jan. 2021. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/variedades/cultura/projeto-faz-ensaio-fotografico-em-alusao-a-visibilidade-trans/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ASSEMBLEIA Legislativa do Estado De Roraima. ATERR faz ensaio fotográfico sobre o Dia Nacional da Visibilidade Trans. Boa Vista, 30 jan. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=762820291317531>. Acesso em 10 nov. 2025.

Elisangela Martins

Elisangela Martins (elimaçuxi) é uma artista que une poesia, fotografia e outras linguagens artísticas para a defesa dos direitos humanos. Especialista em Alfabetização, investigou sobre a história do Mobral em Roraima e em seguida cursou mestrado pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Amazonas, onde empreendeu pesquisa sobre a memória do Regime Militar em Roraima. Interessada nos debates de gênero e sexualidade no campo da arte contemporânea, é professora de História da Arte e Fotografia no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, sócia da Associação de Fotografia de Roraima, AFOTORR e Colaboradora voluntária da Associação de Travestis e Transexuais do Estado de Roraima, ATERR, com quem desenvolve projetos desde o ano de 2015. Ligada à linha de pesquisa Arte, Sujeito e Cidade do PPGARTES/UERJ, doutorou-se em 2024 investigando a história do Movimento LGBTQ+ em RR a partir das manifestações artísticas do transformismo e drag.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6682470277789593>

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6952-7293>